

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Conhecer a nossa história é o nosso maior poder

Anahí Gabriella
gabinazeitona@gmail.com

A página oficial do jornal de Nova York, o New York Times, postou uma matéria cujo título dizia que o novo símbolo da direita no Brasil era a bandeira americana e nada poderia ilustrar de maneira tão precisa e medonha o momento político em que estamos vivendo.

O Brasil é um Estado soberano, não o quintal de outro país. O nosso país é um Estado de direito, com cumprimento legislativo, e todos os cidadãos que aqui residem, todas as empresas que atuam em nosso território, devem responder às nossas leis.

No ano de 1964 o nosso país perdeu o poder para a ditadura militar, onde políticos, as forças armadas e os militares tomaram o nosso território, a nossa cultura e o nosso povo. O nosso país viveu 21 anos de horrores onde os nossos maiores roubos eram feitos dentro da casa de seu povo: vidas. São milhares de vítimas entre torturados, desaparecidos e mortos; entre homens, mulheres e crianças.

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) já reconheceu 434 vítimas, entre desaparecidos e mortos. O caso Rubens Paiva é o nosso caso atual mais conhecido, mas ele não é o único nem mesmo em sua família. 40 anos depois, 4 décadas e ainda temos vítimas que não voltaram e não voltarão, famílias marcadas que não sabem o que houve e memórias vívidas daqueles que viveram direta ou indiretamente.

O processo que ocorre no Supremo Tribunal Federal (STF) atualmente é um processo histórico, pois nunca antes em nossa história houve um julgamento para responsabilizar desde gerais até políticos.

Proteger a nossa democracia é sinônimo de proteger o nosso território, o nosso povo e as nossas vidas. A verdade está detalhadamente às claras, portanto, que seja feito justiça! Que os ditadores sejam não somente responsabilizados, mas que respondam pelos seus respectivos crimes para que até eles entendam que o nosso Estado é soberano, que as nossas leis existem para além de títulos e que não há preço em nenhuma delas.

Entre o sonho do diploma e a realidade das redes

Paulo Augusto da Costa Bezerra Filho
paulobezerra28@gmail.com

Diante de um cenário em que a vida e os contextos sociais de muitos brasileiros são expostos nas redes sociais para milhões de jovens em nosso país, pensar em ser CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e ganhar um salário mínimo pode soar como algo vergonhoso para as gerações Z e Alfa.

Em poucos minutos, no TikTok ou Instagram, somos bombardeados com vídeos de terceiros, relatos de superação, vídeos de rotina em casas milionárias e vidas aparentemente perfeitas. Nesse contexto, crescer profissionalmente pela via do esforço e da dedicação acaba sendo visto como algo desnecessário ou até impossível. Afinal, por que gastar anos em um curso de graduação se é possível ser influenciador digital e ganhar mais do que um advogado?

Essas são reflexões que vêm ocupando a mente dos jovens, especialmente em um país onde pessoas de 18 a 24 anos ainda

enfrentam grandes obstáculos para conseguir o primeiro emprego. Segundo dados do IBGE, a taxa de desemprego nessa faixa etária é duas vezes maior que a média nacional de 15,3%.

Diante da enorme desigualdade social que vivemos é desanimador pensar em estudar anos para prestar o Enem, cursar uma universidade e, ao final, não conseguir sequer um bom emprego na área ou pior, receber menos do que se deveria. Um jovem da periferia que já precisa trabalhar desde cedo para ajudar em casa, pode se sentir ainda mais distante desse “roteiro da vitória”.

Enquanto isso, ao abrir as redes sociais, vê pessoas da mesma idade ganhando em um único *story* no Instagram ou vídeo no TikTok, o equivalente ao que ele levaria um ano inteiro para conquistar. Em alguns casos, até em plataformas de conteúdo adulto.

Assim, a incerteza sobre um futuro profissional construído pelo esforço próprio começa a se transformar em um sonho cada vez mais distante na mente desses jovens.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Fogo e chama

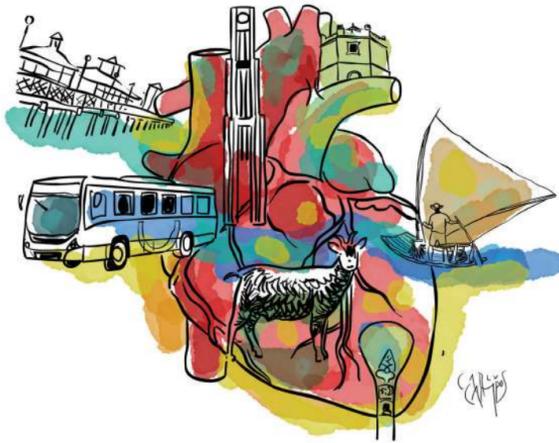
Amauri Holanda de Souza
Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

Eu desconfio que o amor possa existir plenamente, quando um oferece detalhe e ternura, e o outro responde com seu ser indiferente, sem o calor que tanto se cativa.

É estranho dizer “eu te amo” no vazio e não ver a alma do outro despertar; complicado é arder em fogo intenso, enquanto o outro já não sabe se inquietar.

Talvez amar seja apenas invenção: momento, acaso, pura conveniência, ou aquilo que brota da solidão, um nome incerto, quase alucinação.

Ainda assim, prefiro acreditar no encontro, não de corpos, mas de essências profundas; nesse dia o amor será eterno em si, sem tempo ou dor, partilha de almas recíprocas.



Coordenadas poéticas 085

Marnylton Santos
Membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO

Começo com mar no nome sou Sabaguaba idílica, dunas flanantes, jangadas, jangadeiro, portuário. Sou *la femme bateau*, uma ponte metalizada, uma ponte vermelha e um pôr do sol titânico. Sou o bode no meio da praça, uma árvore de redes, o canto de Natal no São Luís, uma catedral tocando o céu. Sou Raquel sentada na praça, a rendeira concreta, uma caixa d'água no Jardim América, outra de peixinhos em outro ponto, um dragão aquático. Sou a barra da saia de Leonilson, o caleidoscópio de Chico da Silva, o mercado cheio de artes, as Iracemas espalhadas por todo canto. Sou uma praça verde, uma bailarina translúcida na coxia do teatro, o sebo Geraldo, as feiras de frutas, verduras e estampas florais. o brechó na lagoa do São

Cristóvão. Sou o Circular II cortando a noite, uma avenida luminosa, tocando “Verônica Decide Morrer”, a gaitada das caricatas. Sou karaokê no Snake, mesas e bares por todo lado, mais uma saideira de cerveja gelada, muitos gostares Sou o Paranjana e todos os nomes originários, Jangurussu, Mucuripe e o nome do rio que me atravessa de cabo a rabo as serras ao longe, à espera do sol esfriar para brincar, jarrão no centro, cana-de-açúcar e o pastel. Sou uma divisa: superprédios, supercarências. Não só carências: artes pulsantemente verdadeiras. Sou as memórias que me fazem e as pérolas que guardam as andanças no dia e na noite E então... valha... sinto que esqueci de algo. Você pode me lembrar? O que mais eu sou? Sou orla marítima, sol, palmeiras, e poesia.

Tolerância

Edivan Batista Carvalho
Especialista em Análise Econômico-financeira, Crédito e Planejamento

Atribui-se a Evelyn Beatrice Hall, interpretando o pensamento de Voltaire (François-Marie Arouet), com influência posterior de Karl Popper, a recomendação de que “devemos reservar, em nome da tolerância, o direito de não tolerar o intolerante, e exigir que qualquer movimento que pregue a intolerância fique à margem da lei e qualquer incitação à intolerância seja considerada criminosa”.

Nesse sentido, mas sem censura prévia, TV, rádio, portais e imprensa em geral (sérios, comprometidos com os fatos), não deveriam dar relevância, holofote, palco e muito espaço para traidores da pátria, golpistas, entreguistas, fascistas, autoritários, ditadores, tiranos, promotores de ódio, ignóbeis, biltres, cretinos, basculhos, charlatões, embusteiros, trapaceiros, farsantes, bucaneiros, chantagistas, delinquentes, sociopatas, covardes, negacionistas, ineleáveis e similares!

Para você

Pablo Santos
Estudante de Jornalismo

No primeiro momento me sentia sua parte, entendia que eu era o que vinha de você. Eu era o espelho de você, Narciso. Me achavas lindo. Me sentia o fruto caído perto de você, árvore.

O tempo passou e fui empurrado para longe por suas raízes. Elas me faziam deixar de ser seu fruto, não me sentia mais sua parte. Eu era feio para você, Narciso. Não era mais o seu espelho.

Mas, eu sempre te amei, você é o maior amor da minha vida, é por causa de você que eu existo.

Me fragilizei longe de você. És quem me faz feliz desde quando nasci.

Eu acredito que você é a coisa que mais amo e preciso na vida, mas não serei seu espelho, Narciso.

Sou o fruto da sua árvore que cresceu com o meu próprio sabor, gostoso.

Sou o teatro antigo da tua cidade, sou o primeiro de muitos. De mim saem flores que tu repudias o cheiro, mas sou o perfume que me faz ser o mais cheiroso do jardim que tu colocas tuas raízes.

Você é minha segurança, quem chora por mim, quem banca o mundo para mim, quem me permite existir.

Mesmo assim, juntos seremos mais felizes.

Coluna social

João Teles
Professor

Quem esteve ontem, no Bom Jardim, foi Chico Furuca. Por lá, também Maria das Broas, José Arrição e Josefa da Farofa; todo mundo comeu à vontade, já que a mesa por lá, é sempre farta. Já no Conjunto Ceará, no fim de semana passado, teve forró do archoado; Maura Celestino varou a noite, de sexta pra sábado tomando umas, nas rodas de amigos, conversando com as amigas e rodopiando muito; e é claro que a tesoura comeu. “Afinal, ninguém é de ferro!”

Na Barra do Ceará, reuniu-se o grupo dos pançudos do futebol; a bola rolou, com a animada narração de Josa do Maraca, que veio do Maracanaú, exclusivamente, para contar a história da contenda. A pelega terminou no zero a zero, pra não estragar o rega-bofes, que se deu logo após a partida!



A pelega terminou no zero a zero, pra não estragar o rega-bofes